



Visão

31-07-2014

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 3137

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/36 a 40



Visão

31-07-2014

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 3137

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/36 a 40



Visão

31-07-2014

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 3137

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/36 a 40

OS MISTÉRIOS DA ESCOM

Há uma nova estrela na constelação Espírito Santo. Chama-se Aroundimpact, tem apenas um gestor, foi constituída em 2011, com transferência de créditos da Rioforte e da Euroamerican Finance no valor de 414 milhões de euros e não desenvolve qualquer atividade. O que tem a Escom, empresa no centro das investigações do processo *Monte Branco*, que levou à detenção de **Ricardo Salgado** para interrogatório, a ver com tudo isto?

POR PAULO M. SANTOS*

ECONOMIA CRISE NO GES

As contas do Grupo Espírito Santo (GES) não deixam de continuar a surpreender. Segundo um relatório a que a VISÃO teve acesso, a Rioforte, holding que agrupa os interesses não financeiros da família, criou uma empresa para a qual transferiu o dinheiro em falta do negócio da Escom, a título de participação no capital.

Ironia ou não, o grupo decidiu chamar a esta sociedade Aaroundimpact, nome que, numa tradução mais livre pode ser lido como «contornar o impacto».

Ao todo foram transferidos 414 milhões de euros de créditos que, na sua maioria, o GES tinha a receber pela venda da Escom, negócio que está agora a ser investigado pelo Departamento Central de Investigação e Ação Penal (DCIAP) e que levou à detenção de Ricardo Salgado, na semana passada.

Confuso? Vamos por partes. A Escom era, em 2010, um dos maiores conglomerados empresariais do Grupo Espírito Santo. Agrupava todos os negócios da família, dos diamantes ao imobiliário e construção, em países africanos, nomeadamente Angola, Congo Brazzaville, Gabão e África do Sul. A Rioforte Luxemburgo, empresa do GES controlava dois terços desta sociedade (66,67%). O outro terço (33,3%) pertencia ao empresário luso-angolano Helder Bataglia, através da Overview Investments. A Escom estava avaliada em 800 milhões de euros. Mas a realidade era outra. Bem mais dura.

Segundo o relatório a que a VISÃO teve acesso, a Escom apresentava, no final de 2011, prejuízos de 275 milhões de dólares e uma situação líquida negativa de 342 milhões de dólares. Resumindo: a Escom estava falida.

Negócio confuso

Mas voltemos atrás. No dia 27 de dezembro de 2010, a Rioforte Luxemburgo, vende a sua participação na Escom à Espírito Santo Resources, empresa com sede nas Bahamas. Uma venda dentro do GES, apresentada como uma «reestruturação interna».

Mas a chamada «reestruturação interna» durou apenas um dia. A 28 de dezembro de 2010, a Espírito Santo Resources e Helder Bataglia assinam um contrato promessa de compra e venda da Escom à Newbrook International, sociedade sediada no Panamá, que, alegadamente, pertence a empresários angolanos.



LUCILIA MONTEIRO

Baía de Luanda A Torre Escom (à direita) simboliza o poder que a empresa chegou a ter em Angola, com a ajuda de Álvaro Sobrinho

A AROUNDIMPACT EM CINCO PASSOS

Da venda aos angolanos ao «buraco» no GES

27 de dezembro de 2010

Rioforte Investments (Luxemburgo) vende 66,67% da Escom à Espírito Santo Resources (Bahamas)

28 de dezembro de 2010

A Espírito Santo Resources e a Overview Investments, pertencente ao empresário luso-angolano Helder Bataglia, que detém os restantes 33,33% da Escom, assinam um contrato promessa para a venda da Escom à Newbrook International (Panamá), alegadamente controlada por empresários angolanos

3 de março de 2011

A Newbrook paga um sinal pela compra da Escom. O GES recebe 52,2 milhões de euros, e Helder Bataglia 26,1 milhões

28 de dezembro de 2011

Rioforte cria a Aaroundimpact, com um capital social de 5 mil euros

30 de dezembro de 2011

A Aaroundimpact aumenta o capital para 1,2 milhões de euros, sendo este subscrito com os créditos que o GES tem a receber da Newbrook pela venda da Escom, num total de 414 milhões de euros. Estes créditos são o único ativo da empresa

A 3 de março do ano seguinte, é pago pela Newbrook o primeiro sinal da venda, que, segundo consta de um relatório interno do GES, ascendeu a 52,2 milhões de euros. Mas, de acordo com uma nota interna, o GES teria ainda a receber 388,9 milhões de euros do comprador da Escom. O problema é que naquele dia, o negócio parou. E parou ao ponto de, em Angola, os funcionários da Escom não saberem quem «manda na empresa».

Este impasse no negócio criou uma situação complicada para o Grupo Espírito Santo. Tem um ativo vendido, contabilizado nas contas da Rioforte, mas o dinheiro não chega. Provavelmente, nunca chegará.

Impacto profundo

Com o aproximar do prazo para apresentar as contas desse ano, a Rioforte decide retirar estes créditos do balanço. No dia 28 de dezembro de 2011, cria a Aaroundimpact com um capital social de 5 mil euros. A 30 de dezembro, um dia antes do fecho das contas anuais, é feito um aumento de capital da Aaroundimpact de 5 mil para 1,2 milhões de euros, com entradas em espécie: a Rioforte transfere créditos no valor de 369 milhões de euros sobre a Espírito Santo Resources (valor em dívida pela venda da Escom que continua em paradeiro desconhecido) ao mesmo tempo que a Euroamerican Finance (outra empresa do GES) entra, também, com 45 milhões de euros de créditos sobre a Rioforte Brasil.

A Rioforte deixa de ter, no seu balanço, um crédito de cobrança difícil que, segundo a VISÃO apurou, seria sempre objeto de reservas por parte de qualquer auditor. E passa a ter de uma participação numa empresa detentora de 414 milhões de euros de ativos.

Na verdade, a Aaroundimpact tem apenas



um ativo no seu balanço, esses mesmos 414 milhões de créditos transferidos. Não exerce qualquer atividade e, no seu quadro, tem apenas um gestor, a administradora da Rioforte responsável pela área financeira.

Vinte anos em África

Logo em 1993, o GES resolveu apostar forte em Angola. Reconheça-se a coragem: naquele ano, a guerra civil angolana estava no auge, com a UNITA de Jonas Savimbi até a tomar Huambo, a segunda cidade do país.

Foi então criada a Escom (Espírito Santo Commerce). A liderá-la, ficou o luso-angolano Helder Bataglia, que Ricardo Salgado considerou, publicamente, «o melhor relações públicas do mundo». Em Luanda, juntou-se a Bataglia Francisco Machado da Cruz. E eis a primeira volta do destino: Machado da Cruz é o contabilista a quem Salgado, em maio passado, na última entrevista que deu como presidente da Comissão Executiva do BES, ao *Jornal de Negócios*, atribuiu a culpa da derrocada da Espírito Santo International.

Mas, naqueles anos de 1990, Helder Bataglia e Francisco Machado da Cruz trabalharam bem. Montaram a Escom e, ao mesmo tempo, tornaram-se administradores da AMDL (African Markets Developments Limited), um conglomerado de que eram donos uns vinte generais angolanos, com o então CEMGFA, João de Matos, à cabeça. Em plena guerra, a AMDL desdobrava-se numa empresa pesqueira (Starfish), numa companhia aérea (Air Gemini) e no primeiro *cash and carry* que surgiu em Luanda (Kinda). Em 1998, a fásquia sobe. Administrador, em Lisboa, da Espírito Santo Ativos Financeiros, o angolano Álvaro Sobrinho é

enviado por Ricardo Salgado para a capital angolana, integrando a direção da Escom. Estavam já abertas as portas para a criação do BES Angola (BESA) e Sobrinho era tido como o quadro certo para dirigir a operação. O banco seria fundado três anos depois, em 2001, com Álvaro Sobrinho como CEO, o BES como maior acionista e investidores locais, obviamente ligados ao Presidente José Eduardo dos Santos, com as restantes participações. Instalado o poço de dinheiro a fundo perdido em que o BESA se tornaria, um acontecimento decisivo ocorreu, logo em fevereiro do ano seguinte, 2002: a guerra acabou, com a morte em combate de Savimbi e a UNITA esboroa-se.

Anos dourados

Seguiram-se os anos áureos da Escom em Angola, entre 2003 e 2009, como business facilitator, obtendo licenças e concessões nos setores de construção, obras públicas, mineração (diamantes), petróleo, energia (barragens) e cimentos, sempre associada a parceiros locais ou estrangeiros (russos e chineses, sobretudo).

O símbolo dessa prosperidade é a Torre Escom, inaugurada em 2006, com 25 pisos ►

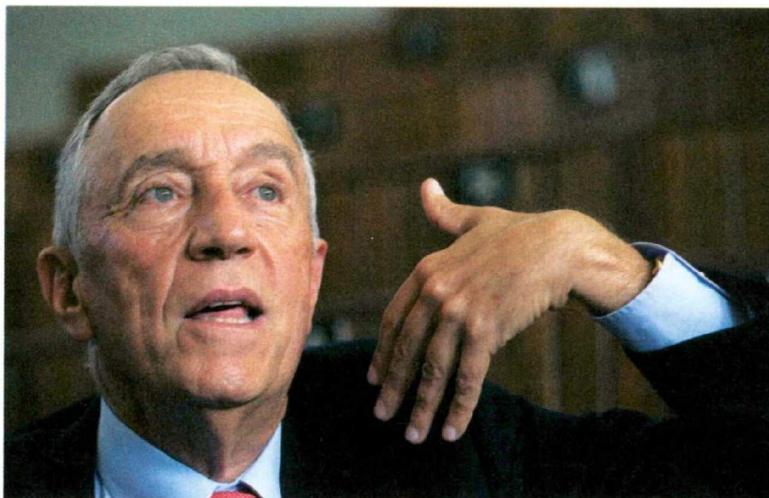
► e uma vista privilegiada sobre a bonita baía de Luanda (Helder Bataglia mora ali, numa penthouse). Mas, em 2010, começam a aparecer prejuízos elevados, que não cessam de crescer.

É nesta altura que Álvaro Sobrinho e Helder Bataglia voltam a aparecer na história, agora como acionistas de referência da Akoya, uma empresa gestora de fortunas, que teve sede na Suíça e é o epicentro do caso *Monte Branco*, que o Ministério Público (MP) considera o maior esquema de fraude e evasão fiscal alguma vez detetado no nosso país.

Via Akoya, Ricardo Salgado recebeu, sem os declarar ao fisco, 14 milhões de euros do construtor José Guilherme, como comissão pelos conselhos que deu ao empresário quanto a negócios em Angola. Apanhado, Salgado foi obrigado a corrigir a sua declaração de IRS, no âmbito do Regime Extraordinário de Regularização Tributária, controversa amnistia fiscal obtida mediante o pagamento de uma taxa de 7,5 por cento. E é também, alegadamente, através da Akoya, que chegaria o sinal de 52,2 milhões de euros, referidos no início do texto, pagos ao GES pela venda da Escom.

Terá sido este pagamento a justificar a detenção de Ricardo Salgado no passado dia 24, e o longo interrogatório de cerca de sete horas, enquanto arguido, a que foi submetido pelo juiz Carlos Alexandre, do Tribunal Central de Instrução Criminal, em Lisboa. Saiu sob uma caução de 3 milhões de euros, indiciado por burla, abuso de confiança, falsificação de documentos e branqueamento de capitais. Fica proibido de falar com José Guilherme, Álvaro Sobrinho e Helder Bataglia. No que respeita a viagens ao estrangeiro, serão analisadas e autorizadas (ou não) pelo juiz Carlos Alexandre, uma a uma.

A Escom, essa, parece estar a desmoro-nar-se. Fontes próximas da empresa, contactadas pela VISÃO, relatam que é desolador o ambiente na sede da empresa, em Luanda. O suposto presidente, Helder Bataglia, e um administrador, Luís Horta e Costa, não aparecem por lá há bastante tempo. Apenas um terceiro membro da equipa, António Martins, assegura a gestão corrente, e existe quem se queixe, na empresa, de não saber «quem manda». Um ex-administrador, Pedro Neto, aproveitou o vazio e criou a Eaglestone, uma business facilitador, concorrente da Escom. A ele juntaram-se, no Conselho Consultivo da nova firma... Bataglia e Horta e Costa.



ONDAS DE CHOQUE NA POLÍTICA

O aproveitamento político do caso GES/BES começou assim que Ricardo Salgado foi constituído arguido, e logo beliscou **Marcelo Rebelo de Sousa**, amigo íntimo do antigo banqueiro. O seu ex-cunhado Pais do Amaral disse, em entrevista ao *Dinheiro Vivo*, que «ele e a sua companheira eram os melhores amigos do casal Salgado. Viajavam juntos, passavam férias juntos» e que, por isso, o comentador da TVI «não tem quaisquer condições para ser candidato presidencial». Pais do Amaral também explicou que a companheira de Marcelo, Rita Amaral Cabral (irmã da sua ex-mulher) é administradora não-executiva do BES.

O comentador recusou as fragilidades imputadas e esclareceu, naquela estação televisiva, que as suas «ambições são tão pacíficas e tão calmas e são as mesmas» da altura em que Ricardo Salgado ainda não era arguido. «É a vida», acrescentou.

No tabuleiro das presidenciais, é difícil encontrar alguém sem ligações aos Espíritos Santo. Nem António Guterres, nem Durão Barroso, nem Pedro Santana Lopes,

outros possíveis candidatos, podem dizer que estão imunes a ligações ao grupo. Do primeiro diz-se que foi um dos principais responsáveis pela «abertura» dos negócios do Estado ao banco (as privatizações consolidaram a posição do BES). Guterres tinha por cunhado um dos melhores amigos de Salgado (António Moura Santos) e teve, entre os seus ministros, gente muito próxima do banqueiro, como Pina Moura ou Murteira Nabo (que desempenharam, funções no grupo). Durão Barroso é amigo de casa de Salgado – Maria João Bustorff, que passou pela liderança da Fundação Espírito Santo.

A extensa lista de governantes «amigos do BES» foi exposta no livro *Os Burgueses*, de Francisco Louçã, e inclui Maria de Belém, Rui Machete, Manuel Pinho, António Mexia, Bernardo Trindade, Miguel Horta e Costa, Almerindo Marques, Ernâni Lopes, Pedro Gonçalves, Rui Vilar e Manuel de Lencastre, entre muitos outros. **Sónia Sapage**

Mas os três gestores e empresários continuam atrelados à Escom: no verão do ano passado, foram constituídos arguidos num inquérito-crime relacionado com a compra, pelo Governo português, dos dois submarinos aos alemães do German Submarine Consortium (GSC).

Há anos que se aguarda um despacho do MP, de acusação ou arquivamento sobre este

processo, mas sabe-se que os investigadores consideram «desproporcional» o montante pago pelo GSC à Escom, por serviços de consultadoria - 30 milhões de euros. E são fortes os indícios que Bataglia, Luís Horta e Costa e Pedro Neto enfrentam: corrupção ativa, tráfico de influências e branqueamento de capitais. ▽

* com José Plácido Júnior